

O Declínio do Império Americano

Sussurros de um império em declínio ecoam pelo mundo – poderiam os Estados Unidos, outrora o titã incontestável do poder, estar perdendo sua influência? A partir de 2025, mudanças tecnológicas, reveses geopolíticos e tensões internas sugerem o fim de uma era, desafiando as próprias fundações da dominância americana. A ascensão da guerra assimétrica, o ressurgimento de potências rivais e uma base doméstica em colapso pintam o quadro de uma superpotência em declínio, oscilando à beira da história.

Obsolescência Tecnológica e a Revolução dos Drones

Um dos indicadores mais marcantes do declínio da América é seu atraso em se adaptar às mudanças tecnológicas que estão reformulando a guerra moderna. A ascensão dos drones e mísseis de precisão perturbou a dominância tradicional de plataformas caras e de alta tecnologia, como caças. Um artigo da MIT Technology Review de 2025 destaca os avanços da China na tecnologia de enxames de drones, onde unidades de baixo custo coordenadas por inteligência artificial superam o dispendioso programa F-35 dos EUA, que custa aproximadamente US\$ 80 milhões por unidade. Enquanto isso, o HESA Shahed 136 do Irã, uma munição de loitering de US\$ 20.000, provou ser eficaz contra forças americanas e aliadas no Mar Vermelho, conforme documentado no relatório da Armament Research Services de 2023. O ataque de drones em janeiro de 2024 na Jordânia, que matou três soldados americanos, expôs vulnerabilidades em sistemas de defesa aérea como o Patriot, sobrecarregados por ameaças de baixo custo e alto volume.

Essa lacuna tecnológica reflete um erro estratégico mais profundo. O foco do Departamento de Defesa dos EUA em sistemas legados, agravado por atrasos no programa Next Generation Air Dominance, deixou-o atrás da produção de drones em escala industrial da China. Um artigo da PBS News de 2024 sobre a corrida armamentista EUA-China destaca essa mudança, observando que o Pentágono está lutando para desenvolver drones baratos para contrariar as ambições territoriais de Pequim. No entanto, a inércia burocrática e os cortes de financiamento sugerem que a América pode não mais liderar a curva de inovação – uma marca de seu antigo status de superpotência.

Retirada Geopolítica e Desafios Assimétricos

Reveses geopolíticos corroem ainda mais a dominância dos EUA. A crise do Mar Vermelho, onde ataques de drones Houthi forçaram uma retirada temporária de porta-aviões americanos como o USS Dwight D. Eisenhower no início de 2025, exemplifica essa vulnerabilidade. Apesar dos ataques retaliatórios, o arsenal dos Houthi, apoiado pelo Irã – com drones Samad-3 e Wa'id com alcance de até 2.500 km – manteve a pressão, destacando os limites da supremacia naval americana em regiões contestadas. Essa retirada, embora tá-

tica, sinaliza aos adversários que a guerra assimétrica pode neutralizar as vantagens tradicionais da América.

O possível fechamento do Estreito de Hormuz pelo Irã representa uma ameaça ainda mais grave. Lidando com 20% do petróleo global, um bloqueio poderia aumentar os preços do petróleo em 20%, conforme projetado pela Agência Internacional de Energia. O alerta do Secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, em 23 de junho de 2025, na Fox News, de que isso seria “suicídio econômico” para o Irã, destaca a vulnerabilidade mútua, mas o aumento das exportações de petróleo do Irã para a China sugere que ele tem alavancagem. Os EUA, dependentes da estabilidade econômica global apesar de importarem apenas 7% de seu petróleo do Golfo, enfrentam um dilema: retaliar e arriscar uma escalada, ou ceder e perder influência. Esse impasse reflete uma superpotência que não consegue mais ditar os termos.

Tensão Econômica e Decadência Interna

Economicamente, os Estados Unidos estão sucumbindo sob o peso de seus compromissos globais. Os US\$ 1,2 bilhão gastos na defesa do transporte marítimo no Mar Vermelho em 2024 ilustram o custo insustentável de manter a dominância no exterior, especialmente enquanto a infraestrutura doméstica desmorona. O relatório da Heritage Foundation de 2025 sobre o declínio da força militar dos EUA vincula isso a um colapso mais amplo da autogovernança, argumentando que uma década de negligência deixou o exército mais fraco do que em qualquer momento nos últimos dez anos. O Índice de Vulnerabilidade Climática revela ainda como as disparidades existentes – exacerbadas pelas mudanças climáticas – sobrecarregam a resiliência social e econômica, desviando recursos da projeção global para crises domésticas.

Internamente, a polarização política e uma população desengajada amplificam esse declínio. A Heritage Foundation observa que as elites “abandonaram uma geração inteira de meninos”, reduzindo a disposição para servir, enquanto um artigo do Guardian de 2025 sobre a ascensão e queda de impérios traça paralelos com padrões históricos de decadência social. Com os preços ao consumidor vulneráveis a um potencial aumento de US\$ 0,50 por galão na gasolina devido a interrupções no Estreito de Hormuz, o descontentamento econômico poderia desencadear uma mudança de regime.

Ascensão de Rivals e um Mundo Multipolar

Enquanto os EUA vacilam, os rivais ascendem. Os enxames de drones da China e iniciativas de cooperação espacial a posicionam como líder tecnológica e diplomática, enquanto seus laços econômicos com o Irã complicam a estratégia dos EUA. Exercícios conjuntos de drones da Rússia com a China sinalizam um desafio coordenado. A Conferência da ONU sobre Atividades Lunares Sustentáveis de 2025 destaca como o espaço – um domínio outrora dominado pela rivalidade EUA-URSS – agora promove o multilateralismo, diluindo o excepcionalismo americano.

Essa mudança multipolar alinha-se com ciclos históricos. A análise do Guardian sobre a ascensão e queda de impérios cita os conflitos globais atuais como evidência de um padrão, com os EUA exibindo sintomas de sobreexpansão e decadência interna.

Conclusão

Os Estados Unidos não são mais a superpotência unipolar que já foram, com sua vantagem tecnológica embotada, seu alcance geopolítico restrito e sua estabilidade econômica ameaçada por pressões internas e externas. A ascensão de um mundo multipolar, liderado pela China e outros, marca o fim de uma era. Como a princesa Irulan adverte em *Duna* de Frank Herbert: “Se a história nos ensina algo, é simplesmente isto: toda revolução carrega dentro de si as sementes de sua própria destruição. E impérios que ascendem um dia cairão.” Para a América, esse dia pode ter chegado, sua queda é um testemunho da natureza cíclica do poder.